

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

Autor Desconhecido

CENA I

PATELIN

Por Deus, Guilhermina. Por mais que dê tratos a bola, não consigo descobrir um meio de ganhar um vintém. Houve tempo, no entanto, em que não me faltavam clientes nem belos escudos.

GUILHERMINA

Pois é, esse tempo já vai longe. Para mim, a advocacia é a pior profissão do mundo. Um dia bem, um dia mal, ora enganando, ora enganado. Nunca vi coisa assim.

PATELIN

Eu posso jurar que não há nesta cidade melhor advogado do que eu. Ninguém conhece como eu as correntes, as molas, as engrenagens dos processos. Não há quem seja mais esperto do que o doutor Pathelin para torcer as leis. Sou um verdadeiro mestre.

GUILHERMINA

....de trapaça! Neste domínio você não cede a ninguém o primeiro lugar.

PATELIN - Não confunda os nomes nem as coisas. Sou simplesmente hábil.

GUILHERMINA

Bela habilidade.. enfim, tudo neste mundo pode Ter dois nomes.

PATHELIN

Isso não vem ao caso. O que precisamos é achar algum modo de ganhar dinheiro. Veja em que estado estão o seu vestido e a minha roupa. Até parece que estamos vestidos de gases, como anjos de procissão.

GUILHERMINA

É verdade. Cada vez que sento ou encosto em algum lugar, tenho medo de deixar colado um pedaço da minha saia. O dia em que isto acontecer só me resta o recurso de fingir paralítica e esperar passar o resto da vida sentada... porque ganhar outro vestido, não tenho a menor esperança.

PATHELIN - Pois você ganhará um, e hoje mesmo.

GUILHERMINA - O que? Você enlouqueceu?

PATHELIN – Longe disso. Nunca tive tanto juízo.

GUILHERMINA – Está se vendo.

PATHELIN - Tive uma idéia magnífica.

GUILHERMINA

Minha nossa senhora! Suas idéias magnificas já o levaram ao pelourinho. Será que o lugar é tão bom que deseja voltar para lá?

PATHELIN - Deixe-se de tolices. O que pretendo fazer não terá a menor conseqüência.

GUILHEMINA – Hum.

PATHELIN - Vamos, de que cor e de que fazenda você que o seu vestido?

GUILHERMINA

Da cor e da fazenda que você conseguir extorquir do comerciante, que for bastante tolo para lhe vender fiado.

PATHELIN

Está bem. Você verá que o espírito é mais forte que a matéria e que o homem não precisa de dinheiro para vestir sua cara metade e a si próprio. Até já.

GUILHERMINA - Vá com Deus. Se encontrar algum otário, não se esqueça de beber com ele.

CENA II

PATHELIN – Deus o guarde, senhor Guilherme.

GUILHERME – E ao senhor também doutor Pedro.

PATHELIN

Ainda bem que o senhor me reconhece. Não houve maior amigo do falecido senhor seu pai do que eu. Deus dê glória à sua alma. Que santo homem era ele! Mas o senhor é o retrato vivo dele.....

GUILHERME – Todos dizem isto...

PATHELIN – E é evidente. Mas, como vão os negócios?

GUILHERME – Hum... assim. O senhor sabe, comercio é profissão ingrata.

PATHELIN

Sem dúvida, mas para um homem honesto, inteligente e ativo como o senhor, as coisas não podem deixar de ir bem.

GUILHERME - Bom, sempre dá para viver, mas os negócios podiam ir melhor...

PATHELIN

Certamente. Enfim, quando se tem suas qualidades físicas e morais, quando se é assaz bem feito de corpo para atrair os olhares femininos e bastante inteligente para tirar proveito duma impressão causada a uma rica senhora.... vendendo-lhe a bom preço uma fazenda que ela não examina porque tem o olhar embevecido no vendedor...

GUILHERME – Qual nada, doutor Pedro....

PATHELIN

Ora vamos, eu o conheço.... seria preciso que neste ponto o senhor não parecesse nada com o falecido senhor seu pai – que Deus tenha sua alma! Aliás é muito justo. As belas coisas devem ser pagas. Se Deus lhe deu belos dotes, foi para que o senhor tirasse proveito deles.

GUILHERME – O senhor está me confundindo....

PATHELIN

Dizer a verdade confunde-o? Mas meu Deus, quanto mais eu o olho, mais o acho parecido com o senhor seu pai. Os mesmos olhos, a mesma boca, o mesmo nariz..... Duas gotas

d águas não seriam mais parecidas.

GUILHERME – O senhor conheceu o meu pobre pai?

PATHELIN

Se o conheci! Não havia dois amigos mais inseparáveis nesta cidade. Eu gostava de sair com ele porque todas as moças o olhavam, e eu ia recebendo as sobras. Que homem era ele! Bom comerciante e finório como ele só. Ninguém o enganava. Exatamente como o filho.

GUILHERME - O senhor sabe, no comércio, se não se abre os olhos, todos nos roubam.

PATHELIN – Naturalmente... Mas que linda fazenda é esta...

GUILHERME – É fazenda de Ruão, muito bem tecida, veja...

PATHELIN –É muito cara?

GUILHERME – Não tanto... doze soldos a vara...

PATHELIN – E o senhor diz que não é cara?

GUILHERME

A tosquia está tão difícil. O senhor não sabe como a fazenda tem subido de preço... tenho tido tanto prejuízo... os tecelões aumentaram o preço do trabalho, os carneiros têm morrido de peste ou então pela falta de cuidados dos pastores. Eu mesmo estou com um caso desses.

PATHELIN – Qual?

GUILHERME

Um patife de um pastor que eu próprio criei, matava-me os carneiros para comê-los ou vendê-los. Depois vinha dizer que tinham morrido de peste. Acabei descobrindo e a brincadeira vai lhe sair cara. Fiz queixa ao meirinho e ele mandou buscar o pastor para apresentá-lo diante do juiz. O canalha pagará pelo menos umas boas horas no pelourinho.

PATHELIN

Se o senhor precisa de um advogado, estou às suas ordens. Não é para me gabar, mas não sou dos piores. Liquido em um instantinho o seu caso. Se o senhor quiser posso mandar enforcá-lo.

GUILHERME

Não quero tanto, o pelourinho basta... Mas, voltando à fazenda, tudo isso faz com que o preço dos tecidos tenha subido prodigiosamente.

PATHELIN - Leve-a, o senhor não se arrependerá. É um tecido forte e de cor firme.

PATHELIN

Estou vendo. Só acho um pouco caro. Se o senhor deixasse a vara a dez soldos...

GUILHERME

Por Deus, que não posso. Doze soldos foi quanto ela me custou. Estou lhe vendendo pelo preço do custo.

PATHELIN

Bem, vá lá. Não vou brigar com o filho do meu maior amigo por tão pouco. O senhor pode cortar.

GUILHERME - Quantas varas?

PATHELIN

Para mim, uma... duas... três e meia. Para minha mulher, duas e meia. Ela é alta.. é, é isso mesmo. Cinco varas e meia. Não, seis.

GUILHERME - Por que não leva toda a peça? São sete varas.

PATHELIN - É, está bem. Sobra um pouco, mas não faz mal.

GUILHERME - Fazenda nunca é demais, Está aí a peça, São nove escudos.

PATHELIN

senhor virá recebê-los em minha casa, onde jantará comigo um admirável pato que minha mulher está cozinhando.

GUILHERME - Mas eu não posso, estou muito ocupado.

PATHELIN

Ora, deixe de bobagem. Às seis horas o senhor obrigado a deixar a loja. O senhor não é judeu pra trabalhar de noite.

GUILHERME - Está bem. Quando eu for levarei a fazenda.

PATHELIN

De modo algum. Então vou deixar um comerciante conceituado como o senhor, filho de um grande amigo meu, carregar uma peça de fazenda? Absolutamente! Isso é bom pra gente sem importância.

GUILHERME - Mas... não senhor... eu posso levar. Está bem assim.

PATHELIN - Não consinto de modo algum. Só assim o senhor virá à minha casa.

GUILHERME – Mas eu posso ir levando a fazenda.

PATHELIN – Será que o senhor desconfia de mim?

GUILHERME

Não, mas acho inconveniente que o senhor ande com fazendas debaixo do braço pela cidade.

PATHELIN

E o senhor ficaria bem carregando fazenda? Não consentirei nunca em tal coisa.

GUILHERME - Nada de cerimônias, doutor Pedro, eu posso levar muito bem.

PATHELIN

Se o senhor não tem confiança em mim, se acha que sou desonesto, é outra coisa. Mas neste caso não faço a injúria de pensar que o senhor me julga de tal maneira.

GUILHERME – Não julgo, não. Enfim, se não há outro meio...

PATHELIN

Está claro que não há outro meio. Venha sem falta às seis horas. Posso garantir que o senhor não terá comido em sua vida muitos patos com o senhor vai comer em minha casa. Quanto ao vinho, prefiro nem falar. O senhor mesmo o julgará. A propósito, como quer que lhe pague? Em ouro, ou em prata?

GUILHERME – Prefiro em ouro, se for de bom peso.

PATHELIN – Meu ouro é antigo. É do tempo do falecido rei.

GUILHERME – Então não se esqueça de tê-lo à mão quando eu lá chegar.

PATHELIN

Sim, mas e senhor só receberá depois do jantar. Por Deus, mestre Guilherme, só assim o senhor conhecerá o caminho de minha casa. Seu falecido pai o conhecia muito bem. Nunca deixava de me cumprimentar quando passava. Mas o senhor não se dá com gente pobre...
(SAI).

GUILHERME

Pobre sou eu.. eu... O dinheiro que ele vai me pagar ficará bem guardado. Bem diz o ditado que não há um esperto que não encontre outro mais esperto. Esse advogado, mestre da trapaça, levou por doze soldos um tecido que não vale nem nove...

CENA III

PATHELIN – (ENTRANDO) Então?

GUILHERME – Então o que?

PATHELIN – Eu não lhe dizia? Pode jogar fora seu vestido velho.

GUILHERMINA – Que diabo é isto?

PATHELIN (DESDOBRANDO A FAZENDA) – Veja e creia.

GUILHERMINA

Virgem Nossa Senhora! Algum cliente deixou isto como penhor? Você comprou fiado? Meu Deus, quem pagará?

PATHELIN

Quem pagará? Mas já está paga. Posso afirmar a você que o comerciante que me vendeu não é nenhum tolo.

GUILHERMINA

Já sei. Você prometeu, mediante uma assinatura ou um juramento, pagar a fazenda dentro de algum tempo. Belo trabalho! Quando chegar o termo, como não haverá dinheiro, eles virão e levarão tudo.

PATHELIN

Deixe estar que levariam grande coisa... mas não se preocupe, torno a repetir que a fazenda já está paga e que eu nem assinei contrato nem fiz juramento algum.

GUILHERMINA

Vá enganar a outra. Não se esqueça de que estamos casados já há alguns anos. Conheço você como a palma da minha mão.

PATHELIN

Não temos tempo a perder, por isso vou lhe contar o caso em duas palavras. Você conhece mesmo o mestre Guilherme Côvado? Pois bem, é o comerciante mais avarento e ladrão que já vi, tal qual seu falecido pai. Pois muito bem, eu, com minha lábia, abordei-o fazendo mil elogios a um e ao outro, assinalando a semelhança entre ambos, fazendo tantas cortesias, que quando chegou a hora de me fiar a fazenda, apesar de gemer, não teve coragem de negar.

GUILHERMINA – A eterna história da raposa e do corvo....

PATHELIN

Sem tirar nem por, Enfim, prometi-lhe pagar aqui na hora do jantar, copiosamente regado com um vinho que ainda está nas uvas. E prometi, também, um pato que ainda está no ovo. Agora chegou a sua vez de trabalhar.

GUILHERMINA – O que tenho de fazer?

PATHELIN

Coisa muito simples. Jurar por todos os santos do céu que há onze meses estou de cama, doente, louco, furioso, fazendo o desespero de todos os médicos. O resto é por minha conta. Você saberá fazer isso?

GUILHERMINA

E muito mais. Não é em vão que sou sua esposa. Chorarei lágrimas de sangue, hei de convencer o comerciante de que ele está louco ou que viu o diabo.

PATEHLIN

Ótimo! Vamos preparar a farsa. Vou deitar-me, porque Guilherme não deve tardar (SAI)

CENA IV

GUILHERME

Creio que já está na hora de beber o vinho e comer o pato lá do tal doutor Pathelin!

Ah! Meu

Querido dinheiro, até que enfim vou te ver. Meu coração quase para quando me lembro que vendi fiado uma peça de fazenda. Oh! Oh! Dr. Pedro Pathelin!

GUILHERMINA - Que barulho é esse? Se o senhor tem alguma coisa a dizer, fale baixo.

GUILHERME – Deus vos guarde, minha senhora.

GUILHERMINA – Fale baixo.

GUILHERME – Mas o que há?

GUILHERMINA – Eu lhe peço, pelo amor de Deus, não grite!

GUILHERME – Onde está seu marido?

GUILHERMINA – Meu Deus, onde é que o senhor queria que ele estivesse?

GUILHERME - O doutor Pedro não está?

GUILHERMINA - Quisera Deus que ele estivesse com bastante saúde para não estar aqui.

GUILHERME – Mas o que quer dizer com isto?

GUILHERMINA - Coitado do homem... ele está na cama ... onze meses de martírio!

GUILHERME – Quem!

GUILHERMINA

Desculpe, mas não posso ficar muito tempo. Tenho que voltar para perto do meu doente.

GUILHERME – Mas quem é o seu doente?

GUILHERMINA – Quem há de ser senão meu marido?

GUILHERME – O doutor Pedro Pathelin?

GUILHERMINA – Não me consta que eu tenha outro marido.

GUILHERME

Mas não há quinze minutos que ele esteve comigo, e por sinal, me comprou fiado uma peça de fazenda. Vim aqui para receber o dinheiro.

GUILHERMINA – Que brincadeira mais sem graça! Não se está em hora de diversões.

GUILHERME – São nove escudos. Quero já meu dinheiro!

GUILHERMINA

senhor está doido? Vá contar suas lorotas a outra, ou se é uma brincadeira, ela está muito fora de hora.

GUILHERME - Faça o favor de acabar com as suas loucuras e vá chamar o doutor Pedro.

GUILHERMINA

Diabos levem o senhor! Então é o momento de fazer um homem agonizante sair da cama?

GUILHERME – Mas aqui não é a casa do doutor Pedro Pathelin?

GUILHERMINA

Quantas vezes o senhor quer que lhe diga que sim? Está louco, vá para o hospício.

GUILHERME - A senhora diz pra eu falar baixo e fala mais alto que um general em manobras...

GUILHERMINA - É o senhor que me faz perder a paciência.

GUILHERME

Basta de histórias. Já lhe disse que o doutor Pedro me comprou sete varas de fazenda hoje, agora mesmo.

GUILHERMINA

Que? O senhor continua na sua loucura? Meu pobre marido há onze meses que está doente, pregado na cama, gemendo de cortar o coração, havia de ter hoje que comprar fazenda na sua loja? Meu Deus! Como o mundo está cheio de gente perversa!

GUILHERME - Vamos, meu dinheiro!

GUILHERMINA – O senhor está bêbado? Só pode ser isso.

GUILHERME – Bêbado eu? Que desaforo!

GUILHEREMINA

Só um bêbado pode dizer que um homem doente, paralisado pelo sofrimento, saiu para comprar fazenda. Só se fosse uma mortalha!

GUILHERME – Essa história vai continuar?

GUILHERMINA – Vamos, fale baixo ou vá embora.

PATHELIN

(DE DENTRO) Guilhermina, um pouco de água de rosa. Meus Deus, você me deixa sozinho aqui! Água, venha depressa!

GUILHERMINA – Aí está o que o senhor fez. O pobre homem acordou.

GUILHERME – Ainda bem!

PATHELIN

Olha esse frade preto que está voltando. Pegue, peguem! Ponham-lhe uma estola, Para, gato. Meus Deus, como ele voa...

GUILHERMINA – Veja como ele sofre, coitado!

GUILHERME – Mas ele caiu doente ao voltar da feira?

GUILHERMINA – Que feira?

GUILHERME - Onde tenho minha loja de fazenda.

PATHELIN

Ah! É o senhor, doutor João? Chegou a tempo. Seus remédios me deram tanta cólica que estou que não posso.

GUILHERME

Que é isso? Sou quem está louco ou é o senhor? Mas, o meu dinheiro, onde está?

PATHELIN - Corram, corram! Aí vem eles, socorro! Eles estão me matando....

GUILHERMINA – Coitadinho, em que estado está.

GUILHERME

Não sei o que diga, nem o que pense. Foi ele que veio à minha loja? Foi outro? Só se fosse o diabo. Vamos, minha senhora, diga-me, a senhora não tem um pato cozinhando?

GUILHERMINA

Ora veja, que pergunta! Havia eu de ter um pato cozinhando, quando meu marido está neste estado? Mestre Guilherme, procure um médico, o senhor não está bem da cabeça.

GUILHERME

É possível, é possível, a senhora me estonteou tanto que já nem sei onde estou! Foi ele? Não se, meu Deus! Ah! Meu rico dinheiro! Que pesadelo! Enfim, creio que não há mais nada a fazer... Adeus... Será possível? (SAI)

PATHELIN – Ele já foi?

GUILHERMINA

Psiu! Ele está perto. Rosna mais que nem um velho cão de caça. Parece que está sonhando acordado.

PATHELIN – Quero me levantar,

GUILHERMINA – Espere um pouco, ele pode ouvir.

PATHELIN – Ele, tão desconfiado, acabou caindo como um patinho.

GUILHERMINA

É para descontar o que ele rouba dos outros. O homem só falava do pato, sem perceber que ele era um, e de que tamanho!

PATHELIN – Não ria assim ele pode escutar.

GUILHERMINA

Não posso me conter quando me lembro da cara dele. Enfim, consegui pô-lo para fora daqui.

PATHELIN – Silêncio, que ele pode voltar...

GUILHERME

(NA RUA) Será possível que eu tenha sido enganado por um advogado de água doce? Um João-ninguém? Não! Volto lá e hei de arrancar o meu dinheiro custe o que custar. Vejam só, a tal mulher dele está rindo... Esperem aí. Estou grosso para pavio.

GUILHERMINA - Meus Deus, ele me ouviu. Está voltando. Depressa, vá se deitar.

GUILHERME – Ho, ho, abram a porta.

GUILHERMINA – Que gritaria!

GUILHERME – A senhora está rindo, ou pensa que não ouvi?

GUILHERMINA – Tenho muito motivo pra rir, na verdade,

GUILHERME – Meu dinheiro, exijo o meu dinheiro.

GUILHERMINA

Lá vem o senhor com sua história. É para me divertir? Escolheu muito mal o momento. Meu marido já me dá bastante diversão de um outro gênero. Ele canta, chora, ri, dança, fala em línguas diferentes, de maneira que choro e rio ao mesmo tempo.

GUILHERME - Não tenho nada que a faça rir ou chorar, o que eu quero é ser pago, ouviu?

GUILHERMINA – O senhor continua com sua extravagância?

GUILHERME

Não estou habituado a ser a ser pago com palavras. A senhora pensa que tomo gato por lebre?

PATHELIN

Vamos, rápido! De pé. A rainha das guitarras deu a luz vinte e quatro guitarrinhas. Ela está aí, façam-na entrar. Ela vem me convidar para o batismo. Quero ser seu compadre.

GUILHERMINA - Ah, pense na sua alma, meu bem. Deixe em paz as guitarras.

GUILHERME

Que contadores de sandices são esses dois, Vamos, meu dinheiro em ouro ou prata.

GUILHERMINA - Será possível que o senhor ainda não se convenceu do seu engano?

GUILHERME

A senhora já pensou, bela dama, o que significa tudo isso? Nunca fui enganado. Mas, palavra de honra, ou a fazenda será paga ou restituída ou então a senhora e seu marido serão enforcados. Juro por Deus!

GUILHERMINA

Que coragem, atormentar assim um doente! Estou vendo, vendo bem pelos seus modos que o senhor está fora do seu juízo. Valha-me Deus! Não bastava meu marido.

GUILHERME - Que raiva que tenho de perder assim meu dinheiro...

GUILHERMINA

Que loucura! Faça o sinal da cruz. O senhor deve estar com uma legião de demônios avarentos no corpo. Abrenúncio.

GUILHERME - Quero ser esartejado se voltar a vender fazenda fiada em minha vida.

PATHELIN

Madre de Dios, por mi fé, quiero irme. Que me quieres niña? Vienga. Vote monstro. Quie dinero? No tengo, no lo tengo...

GUILHERMINA

Ele tem um tio espanhol, que era irmão do filho da tia-avó dele, por isso ele fala espanhol...

GUILHERME - Ele veio de mansinho e carregou a peça debaixo do braço. Será possível?

PATHELIN

Kome hier, komme hier. Ach! Was ist das? Mein Gott! Wie is hart dieser kaufmann!

GUILHERME - Mas como ele fala tantas línguas, meu Deus...

GUILHERMINA

Sua mãe era sobrinha de neto de alemão. É por esta razão que ele fala essa língua...

PATHELIN

Ho, Signore mio, que me voi cose mercatore? Argento? Nom abiamo noi, e si volio uno píccolo asso, lo daré, stupido huomo!

GHUILHERMINA

Que homem é o senhor! Já se viu maiuor maldade? Quando há de se convencer da verdade?

PATHELIN

If you please, sir, what will you? Money? I don't. Get out... get ou... Oh, God... oh. God!

GUILHERME - Que língua renegada. Será possível que ele não se cale?

GUILHERMINA - O avô do irmão do cunhado dele era inglês e lhe ensinou a falar a língua.

GUILHERME

Minha Nossa Senhora, estarei sonhando? Foi ele ou foi outro que foi à minha loja, ou foi o demo por ele? Juraria que foi ele quem esteve comigo há meia haora... estou tonto... não se o que pense...

PATHELIN

Et bona dies sit vobis – Magister amantissime, pater reverendissime. Quomode bralis, quae nova? Parisius non sunt ova.

GUILHERMINA

Meus deus, ele est;a falando latim, é sinal proximo da morte. Que os anjos e serafins da corte celeste o assistam.

GUILHEME

Mas que será isso, meu Deus? Ele vai morrer falando, não há sombra de dúvida, ele está muito mal. Pobre homem. É melhor que eu me vá, ele pode dizer segredos que eu não deva ouvir. Certamente não foi ele quem me tirou a fazenda. Deus vos guarde, bela dama. Desculpe-me pelo incômodo. Mas jurava que era ele quem tinha me comprado a fazenda fiado...

GUILHERMINA

Adeus, que os anjos o acompanhem. Reze por mim. O senhor bem vê em que sofrimento estou. (*GUILHERME SAÍ*) Então, sou ou não sou uma digna esposa? Meu Deus, como conseguimos enganá-lo...

PATHELIN

Ele saiu resmungando, estonteado, jurando Ter visto o diabo em meu lugar. Bom proveito lhe faça.

GUILHERMINA

Há-há-há! (*VIRA-SE MEIO CONFUSA PARA PATHELIN*) Você não acha que o que nos fizemos foi muito feio?

PATHELIN - Bem... (*EMBARAÇADO*) Eu... ora, ladrão que rouba ladrão

CENA V

GUILHERME

(*SÓ*) Foi sem dúvida o diabo veio me tentar na forma daquele advogado. Antes tenha minha fazenda do que a minha alma. Afinal é bem verdade que quem faz a Deus, paga ao diabo. Meus pobres lucros, já se foram em boa parte. Enfim, seja tudo pelo amor de Deus.

TEOBALDO (*ENTRANDO*) - Deus vos guarde, mestre Guilherme.

GUILHERME – Como, seu canalha, você tem coragem de aparecer na minha frente?

TEOBALDO – Mas o que há, meu bondoso patrão?

GUILHERME

Como? Você me mata os carneiros, come a carne, vende a lã e ainda tem a petulância de aparecer na minha frente?

TEOBALDO – Por que não, patrão? Eu sei que o senhor é o melhor dos homens.

GUILHERME – Chega! Só falarei com você diante do juiz. *(SAI)*

TEOBALDO

Estou bem arranjado. Desta vez o negocio é sério. Tenho que arranjar um advogado. Me disseram que por aqui há um. Se não me engano é essa casa... Ó de dentro...

PATHELIN – Quem é?

TEOBALDO – Deus o guarde, meu senhor. O senhor não é advogado?

PATHELIN – Sim e você com isso?

TEOBALDO – E que queria consultá-lo sobre um caso muito grave...

PATHELIN – Bem... vejamos...

TEOBALDO

Eu recebi hoje, por um homem de roupa riscada, a ordem de comparecer diante do juiz.

PATHELIN – Iii... o negócio é mau. Que foi que você fez?

TEOBALDO – Nada de mais... Meu patrão é um miserável sovina...

PATHELIN – Bem, bem, bem... isto não vem ao caso. Diga sem mentir o que fez.

TEOBALDO – Eu andei matando uns carneirinhos... coisa sem importância...

PATHELIN – O negócio é grave. Roubo, extorsão, dolo. Estás mal parado.

TEOBALDO – Meu Deus , e eu que nem pensei fazer mal algum...

PATHELIN – Me responde. Você tem dinheiro para pagar o advogado que o defender?

TEOBALDO – Tenho sim, uns escudos de ouro, daqueles que têm uma coroa marcada.

PATHELIN

Ah, então sua causa é boa. É ótima mesmo... Vou lhe ensinar um excelente meio para sua defesa. Venha cá. Você... *(COCHICHANDO)* Entendeu?

TEOBALDO – Não é difícil. Farei exatamente o que o senhor está mandando.

PATHELIN

Então fique tranqüilo. Garanto o bom resultado do seu processo. *(OLHANDO EM TORNO)* Agora vá-se embora. Não convém que vejam você comigo. *(TEOBALDO SA)* Alguma coisa há de vir. Esse pastor não me parece tão inocente como se faz, mas enfim... se ele não tem escudos de ouro, alguma coisa há de Ter. E na situação em que estou, tudo que cai na rede é peixe.

CENA VI

No tribunal. Entram primeiro o juiz e o escrivão. Que tomam seus lugares. A seguir Guilherme e, por fim, Pathelin, seguido do pastor.

PATHELIN - Deus vos dê toda a felicidade que o vosso coração deseja, senhor juiz.

JUIZ – Seja bem vindo, doutor. Tome seu lugar.

PATHELIN – Salvo vosso respeito, estou bem aqui.

JUIZ - Se há alguma coisa a debater, vamos depressa com ela para que possa levantar a sessão.

GUILHERME

Meu advogado vem já. Ele está acabando um negócio rápido. Peço o favor de esperar um pouquinho.

JUIZ

Não pode ser. Tenho outras causas para ouvir. Se a parte contrária está presente, exponha o caso rapidamente. O senhor não é o queixoso.

GUILHERME – Sim senhor.

JUIZ - Quem é o defensor do réu?

GUILHERME - Sim, ei-lo que não diz uma palavra, só Deus sabe o que pensa.

JUIZ – Já que todos estão presentes comecemos logo.

GUILHERME

Eis minha queixa: eduquei por caridade este pastor aqui presente e quando o julguei bastante forte, mandei-o para o campo para pascentar meus rebanhos.

Juro por Deus, senhor Juiz, que é tão verdade como estar o senhor sentado nesta cadeira, e esse miserável abusando da minha confiança, fez tal mortifício entre os meus carneiros que...

JUIZ – Vejamos... Ele era seu empregado? O senhor lhe pagava ordenado?

PATHELIN – Qual nada, senhor juiz, o pobre pastor não recebia vintém.

GUILHERME

(RECONHECENDO PATHELIN) Seja eu herege se não for ele. Não há erro possível

JUIZ – Por que o senhor levanta assim a mão, doutor Pathelin? Está com dor de dentes?

PATHELIN – Sim, nunca tive uma dor igual. Mas... continuemos o debate.

JUIZ *(A GUILHERME)* – Vamos, continue, acabe depressa.

GUILHERME – É ele, não dúvida, foi a ele que vendi sete varas de fazenda.

JUIZ – Por que o senhor fala de fazenda?

PATHELIN

Ele delira, senhor juiz, porque não sabe concluir. Naturalmente ensinaram-lhe a lição para recitar diante do tribunal e ele esqueceu> por isso vai dando por paus e por pedras.

GUILHERME – Seja eu enforcado, se foi a outro que vendi minha fazenda de Ruão.

PATHELIN

Onde esse malvado vai buscar estas invenções para aumentar a culpa do pastor que é sua vítima? Ele que dizer, eu compreendo muito bem, que o pastor vendeu a lã de foi feita minha roupa. Vejam que maldade! Não basta a acusação mentirosa de que o pastor lhe roubo os carneiros, é preciso acusá-lo de Ter roubado uma fazenda que comprei há mais de três anos!

GUILHERME – Deus me dê febres quartãs se o senhor não tem o meu tecido.

JUIZ

Calma! Onde estamos nós? O senhor não sabe o que diz. Volte à sua causa sem fazer o tribunal perder tempo com suas asneiras.

PATHELIN

(*RINDO*) Estou louco de dor de dentes e não posso deixar de rir. Ele está tão embaraçado que não sabe mais o que dizer. Senhor juiz, é preciso lembrar-lhe onde estava.

JUIZ – Vamos, volte aos seus carneiros. O que aconteceu?

GUILHERME – Ele comprou sete varas a nove escudos.

JUIZ – Estamos todos loucos? Onde o senhor pensa que está?

PATHELIN

Senhor juiz, esse homem toma V. Exa., com perdão da palavra, por um tolo, A julgar pelo seu exterior, no entanto, parece um homem de bem. Proponho que se interrogue o acusado.

JUIZ – O senhor tem razão. Ele deve conhecê-lo, pois o queixoso é seu patrão. Adiante-se. Fale.

TEOBALDO – Bé!**JUIZ**

Está aí um outro caso. O que quer dizer bé? Eu sou por acaso cabra ou bode?
Vamos, fale direito.

TEOBALDO – Bé!

JUIZ – Você está caçoando de mim?

PATHELIN

Pobrezinho! Não, senhor juiz, jamais ele faria isso. É porque ele é um atoleimado pelos maus tratos do patrão.

GUILHERME

Quero ser apedrejado se não foi ao senhor que vendi minha fazenda! (*AO JUIZ*) V.
Exa. Não sabe com que malícia...

JUIZ - Cale-se! O senhor está louco? Deixe de parte o fato acessório e venha ao fato principal

GUILHERME

Está bem, juro não tocar mais no caso da fazenda. Mas o caso me faz enraivecer... porém meus lábios não se abrirão mais sobre esta questão. Por hoje ao menos, porque isso não ficará assim. Eis, portanto, o caso do pastor: eu dizia que ele guardava sete varas de fazenda, que dizer, meus rebanhos, perdão, foi um engano. Esse senhor pastor, quando devia estar nos campos, disse-me que eu teria em pagamento escudos de ouro... não, quero dizer que quando ele começou a guardar os meus rebanhos, prometeu-me um excelente jantar com pato... mas o que estou eu dizendo? Desculpe-me senhor juiz, queria dizer que esse patife do pastor jurou-me guardar sem traição nem dolo os meus carneiros. Pois bem, ele os matava sem piedade e agora nega tudo: dinheiro e fazenda. Ah! Doutor Pedro, isso não se faz! Sim, senhor juiz, este canalha de pastor matava-me, sem temor de Deus, todos os meus carneiros; quando ele se pilhou com a peça de fazenda debaixo do braço, disse-me que fosse à sua casa.

JUIZ

Cale-se! Cale-se! Basta de asneiras, sua queixa não tem rima nem razão, O senhor é um louco. Ora vejam: Só fala de carneiros, depois emenda com fazenda, com pato, com jantar, com escudos de ouro... Qual! Só mesmo louco. Isto aqui não é manicômio.

PATHELIN

Naturalmente é porque ele tem a consciência pesada de não pagar ao pobre pastor e ainda por cima inventar um processo ao coitado.

GUILHERME

senhor faria bem em calar-se, ouviu? Minha fazenda, onde está ela? Não é o senhor que a tem?

JUIZ – O que é que o doutor Pedro tem?

GUILHERME

Nada, senhor juiz. Isso não vem ao caso. O que eu posso afirmar é que o doutor Pedro é o maior trapaceiro, mas isso fica para outra vez; trata-se agora dos meus carneiros.

JUIZ – Vamos, trate de lembrar-se bem dos fatos e conclua logo.

GUILHERME

Estou confuso, senhor juiz, peço-vos que interrogueis novamente esse patife. Vejamos o que ele tem para dizer. Ele bem que sabe falar...

JUIZ – (*IRRITADO*) Mas...

PATHELIN

pobre pastor não pode falar por si mesmo, nem saberá responder às acusações que lhe foram feitas. Se V. Excelência permitir, eu falarei por ele.

JUIZ - O senhor quer assisti-lo? Creio que só terá aborrecimentos sem proveito nenhum.

PATHELIN

Nem quero Ter lucro. Tenho pena de ver um pobrezinho sem defesa, exposto às malévolas acusações de um perverso. Quando se é honesto, o lucro não interessa. Com permissão de V. Excelência, vou interrogar o acusado. Aproxima-se, meu amigo. Você me entende? Vamos, fale!

TEOBALDO – Béeé

PATHELIN – O que é? Explique-se melhor.

TEOBALDO – Béeé!

PATHELIN

Sempre a mesma coisa. Você não está vendo que os seus interesses estão em jogo? Responda direito.

TEOBALDO – Béeé!

PATHELIN

Diga ao menos sim ou não. Não me entendeu? (*BAIXO*) Muito bem, continue a dizer isto...

TEOBALDO – Béeé!

PATHELIN

Não há nada a fazer. O pobrezinho é idiota mesmo. Veja V. Excelência, senhor juiz, até que ponto pode ir a maldade humana. Esse homem tem coragem de trazer perante este tribunal respeitável um pobre idiota, vítima de seus maus tratos para acusá-lo de um crime que o coitado nunca poderia ter cometido, e isto porque não quer lhe pagar o salário de anos de trabalho. Ele, que devia ser o réu, traz ao banco dos culpados um inocente, como ave de rapina que não quer soltar a presa por nada.

(A *GUILHERME*) Mas tu te enganas, homem perverso! O juiz, diante de quem estás, jamais se deixará enganar pelos malvados. Sua alta inteligência, seu profundo saber, já descobriram na incoerência de tua queixa, como na idiotice do pastor, onde está a verdade...

JUIZ

senhor tem razão. Este pastor é um débil mental. Não pode, portanto, responder a processo. Aumentis non suht subjectis juris.

GUILHERME

Juro que vossa excelência se engana. Juro que esse patife tem mais bom senso que eu.

PATHELIN

Só esta reflexão mostra bem o que é o queixoso. Diante de um tribunal que reconhece a debilidade mental do pobre pastor, ele ousa proclamar o perfeito juízo do acusado. Senhor juiz, para evitar delongas ineptas, mande embora o pastor.

JUIZ – Sim, é o que resta fazer.

GUILHERME – Ele será absolvido sem que eu tenha pleiteado.

JUIZ

Por que não. Se o senhor, além de louco, não diz coisa com coisa, e ele é um enfermo mental?

GUILHERME

Suplico a V. Excelência que me deixe ao menos expor minhas conclusões. Juro-lhe quem em tudo que disse não houve mentira nem desejo de caçoadá.

JUIZ

que prova que o senhor é realmente louco, e eu não estou aqui para perder tempo com loucos.

GUILHERME – E eles vão se embora sem que eu seja ouvido?

JUIZ – O senhor não acha que já fez o tribunal perder muito tempo?

GUILHERME – Que a causa seja ao menos adiada...

JUIZ

Adiada? Para que? O senhor é um louco e esse rapaz um doente. Com tal gente é impossível um processo.

PATHELIN

V. Excelência diz bem. Não é possível lidar-se com tais pessoas, por isso peço a quitação do meu cliente.

JUIZ

Com toda razão. (*A TEOBALDO*) Vá, você está livre, o tribunal reconhece sua inocência. Não se preocupe mais com as calúnias levantadas contra a sua pessoa, não volte nem que um oficial de justiça vá intimá-lo.

GUILHERME

Mas isto não pode ser, senhor juiz! Esse pastor é um tratante, um ladrão... Eu posso...

PATHELIN – O senhor persiste na sua loucura?

GUILHERME

senhor devia Ter vergonha e não falar mais comigo, ouviu? Minha fazenda, onde está ela?

JUIZ

Vamos, eu tenho mais que fazer do que estar ouvindo loucuras... Doutor Pedro, o senhor quer jantar comigo?

GUILHERME – Jantar?

PATHELIN – Agradeço-lhe muito, mas os meus dentes...

JUIZ – É verdade, eu já havia me esquecido. Deus vos guarde. *(SAI)*

GUILHERME

Ah, doutor Pedro, que o diabo me leve se o senhor não é o maior trapaceiro do mundo! Então... minha fazenda, meu dinheiro, sua doença?

PATHELIN

Sempre a mesma coisa. O senhor devia mudar de nota, porque esta já está monótona. Eu doente. Esta é grande!

GUILHERME – Não está doente? Espere aí, vou já à tua casa... *(SAI)*

PATHELIN

É isso, vá ver se eu estou doente. *(A TEOBALDO)* Então, Teobaldo, teve ou não teve sucesso a minha idéia?

TEOBALDO – Bée!

PATHELIN – Vamos, fale direito. Já acabou a farsa.

TEOBALDO – Bée!

PATHELIN – Já lhe disse que fale direito. Vamos, meu pagamento.

TEOBALDO – Bée!

PATHELIN

que é isso? Você quer me burlar, a mim, o homem mais esperto desta cidade? Vamos, meu dinheiro, já, senão vou buscar um soldado.

TEOBALDO – Bée!

PATHELIN

Não tirarei nada. Será possível que eu tenha caído no meu próprio ardil? E que um camponês, uma criança, uma raposinha engana uma velha raposa matriarca? Espere um pouco, miserável, eu vou buscar quem faça você falar. Olá, soldado. Olá soldado! *(SAI)*

TEOBALDO – Se ele me agarrar, consinto em ser preso.

PATHELIN – *(VOLTANDO)* O que?

TEOBALDO – Bée!

FIM